

“Isso é uma bichona”: a violência homofóbica experienciada por professores gays que trabalham em escolas rurais da Amazônia paraense

Jardinelio Reis da Silva¹
José Damião Trindade Rocha²

Resumo

Esta pesquisa foi desenvolvida durante o curso de doutoramento em educação na Amazônia no PGEDA/UFPA/UFT vinculada ao grupo de pesquisa CNPQ Gepce/minorias. O texto coloca em debate a homofobia experienciada por professores gays que trabalham em escolas rurais da Amazônia paraense. Trata-se de uma pesquisa no âmbito do currículo pós-crítico, cujos dados foram gerados por meio de entrevista semiestruturada. Para as análises, recorreu-se ao método documentário de Ralf Bonsach. Os resultados evidenciam que os sujeitos sociais minorizados sofrem homofobia explícita e homofobia velada em suas relações com a comunidade intra/extraescolar e que os professores gays ressignificam a violência homofóbica sofrida ao pautarem uma educação humanizada e solidária.

Palavras-chave: violência homofóbica, professores gays, Amazônia paraense, currículo.

“This is a ‘bichona’”: homophobia experienced by gay teachers who work in rural schools in the paraense Amazon

Abstract

This research was developed during the doctoral course in education in the Amazon at PGEDA/UFPA/UFT linked to the CNPQ Gepce/minorities research group. The text puts into debate the homophobia experienced by gay teachers who work in rural schools of the Amazon region, Pará. It is a research within the scope of the post-critical curriculum, whose data were generated through semi-structured interviews. For the analyses, Ralf Bonsach's documentary method was used. The results show that the minority social subjects suffer explicit homophobia and veiled homophobia in their relationships with the intra/extra-school community and that gay teachers give a new meaning to the homophobic violence suffered when guide a humanized and solidary education.

Keywords: homophobic violence, gay teachers, paraense Amazon, curriculum.

Palavras iniciais

“Isso é uma bichona”! Esse era o bordão no programa *Zorra Total* da rede Globo, considerado programa de humor, protagonizado pelo ator Paulo Silvino, no início dos anos 2000. A personagem repetia seu bordão todas as vezes que via uma personagem com trejeitos tidos como homossexuais ou quando pediam para ele fazer alguma atividade que levantasse “suspeitas” consideradas ações de gays.

Para além do humor estereotipado, esta investigação revela ações violentas praticadas contra professores gays. O objetivo desta pesquisa foi compreender as implicações dos

¹ Mestre em Educação; Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Tocantins; Professor da Rede Municipal de Educação de Castanhal, Pará, Brasil; E-mail: rejsilvaj@hotmail.com.br.

² Doutor em Educação; Professor da Universidade Federal do Tocantins, Brasil; E-mail: damiiao@uft.edu.br.

processos homofóbicos que se atravessam a vida pessoal e profissional de professores gays no exercício da docência em escolas rurais na Amazônia paraense. O artigo foi desenvolvido durante o Curso de Doutorado em Educação na Amazônia e está vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas de Currículos Educacionais das/para/com Minorias Sociais Nortistas Amazônicas (Gepce/Minorias), ligado à linha de pesquisa – Educação na Amazônia: formação do educador, práxis pedagógica e currículo.

A reflexão da homofobia aqui apresentada parte da conceituação de Borrillo (2016) que a define como um fenômeno histórico e cultural por inferiorizar e desumanizar a pessoa homossexual. O autor reforça a ideia de invisibilidade desse fenômeno, mas é uma prática recorrente por se manifestar em atitudes preconceituosas enraizadas socialmente e impacta pessoas que não se enquadram no padrão cisheteronormativo, por meio do medo, da aversão, da discriminação e da violência física e/ou psicológica.

Por outro lado, nesse contexto de investigação considera-se o currículo numa perspectiva pós-crítica como artefato experienciado em contextos institucionais escolares e não escolares, apresentando-se como uma experiência vivida pelos sujeitos que frequentam o ambiente escolar. Assim, pretende-se verificar como o preconceito e a violência, enquanto práticas homofóbicas, fazem parte de um currículo vivido e experienciado e que, uma vez evidenciados, possam ser postos em pauta para possibilitar o debate de desconstrução desse ambiente adverso às minorias sociais amazônicas.

Além disso, no cenário atual desenvolve-se uma onda neoconservadora que nega a efetividade de direitos sociais da comunidade de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexuais (LGBTI+), assim como das demais minorias amazônicas de marcadores sociais étnicos, racializados, de território e cultura. Por esse motivo, nessa conjuntura, torna-se necessário prestar atenção aos ambientes educacionais, pautando discussões sobre violências homofóbicas explícitas e/ou veladas que reproduzem práticas sociais de subalternização das diferenças, pois no cotidiano escolar é comum “currículos masculinos” reproduzirem, em seus conteúdos, os padrões da cisheteronormatividade, como constata os estudos de Bassalo e Weller (2020) e outros pesquisadores.

Quanto à metodologia adotada, o presente construto figura uma pesquisa social reconstrutiva voltada para a reconstrução do conhecimento implícito e das regras implícitas nas ações sociais dos sujeitos (BOHNSACK, 2020). Para a geração dos dados, recorreu-se à

entrevista semiestruturada realizada pelo aplicativo *Whatsapp*. Para a análise das falas, foi aplicado o método documentário de Ralf Bohnsack (2020), a possibilitar a reconstrução da referência recíproca e interativa dos participantes pertencentes a um determinado espaço de experiência.

Para fins didáticos, o artigo está dividido em cinco seções: a primeira refere-se a esta breve introdução; a segunda propõe uma reflexão sobre a homofobia e a escola da educação básica; na terceira, esclarece-se como se deram a pesquisa e análise dos dados, além de apresentar o perfil dos sujeitos pesquisados; a quarta parte apresenta o resultado das análises, salientando apenas duas fases do método documentário; e, por fim, são referendadas algumas considerações sobre a homofobia vivida por professores gays atuantes na zona rural da Amazônia paraense.

A homofobia e escola: implicações no/para o sujeito docente

As várias faces da homofobia se traduzem em agressões veladas ou explícitas, físicas ou psicológicas advindas da incompreensão e/ou da não aceitação das identidades de gênero e das sexualidades não correspondentes ao padrão cisheteronormativo. A criminalização da homofobia ocorreu em 2019, quando o Superior Tribunal Federal (STF) decidiu aceitar que atitudes homofóbicas fossem enquadradas na Lei do Racismo (Lei Nº 7.716/89). Conforme a decisão da Corte, praticar, induzir ou incitar a discriminação ou o preconceito em razão da orientação sexual ou identidade de gênero da pessoa deverá ser considerado crime, como bem se detalha nos excertos a seguir:

Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)

§ 2º Ficará sujeito às penas de multa e de prestação de serviços à comunidade, incluindo atividades de promoção da igualdade racial, quem, em anúncios ou qualquer outra forma de recrutamento de trabalhadores, exigir aspectos de aparência próprios de raça ou etnia para emprego cujas atividades não justifiquem essas exigências (Incluído pela Lei nº 12.288, de 2010) (Vigência).

Outro fator importante para essa decisão jurídica se deu em novembro de 2020, quando o ministro Edson Fachin votou pela equiparação da injúria racial (artigo 140, parágrafo 3º, do Código Penal) ao crime de racismo (previsto pela Lei 7.716/1989). Na ocasião, entendeu que

não há como reconhecer a extinção da punibilidade a acusados por injúria racial. Afinal, o artigo 5º, no inciso XLII, da Constituição Federal de 1988, prevê que

[...] a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei [...] assim, o crime de injúria racial, porquanto espécie do gênero racismo, é imprescritível. Por conseguinte, não há como se reconhecer a extinção da punibilidade que pleiteiam a impetração (BRASIL, 1988, s/n).

Essa foi uma conquista histórica para a comunidade LGBTI+, pois há muito se lutava pela criminalização da homofobia. Mesmo a LGBTfobia sendo criminalizada, infelizmente ainda não é garantido o livre acesso social a essas pessoas, sem que sejam violentadas apenas por serem quem são. O reflexo dessa violência é visto nos dados do relatório anual do Grupo Gay da Bahia, de 2019 a 2021, ao verificar 866 mortes violentas de LGBTI+ nesse período pós-lei.

Nessa perspectiva, entende-se que uma parcela da sociedade brasileira neoconservadora tem espalhado um pânico moral (MISKOLCI; CAMPANA, 2017), o que tem contribuído para esse cenário de violências. Discursos preconceituosos pautados na bíblia, sobretudo a narrativa de que a comunidade LGBTI+ de destruidora da família tradicional, da moral e dos bons costumes, são endossados por personalidades políticas e religiosas, como ex-presidente da república Jair Bolsonaro e seus apoiadores, bem como os pastores Silas Malafaia e os irmãos Andréia e André Valadão, além de vários parlamentares brasileiros. Católicos e evangélicos tem discursado em seus púlpitos e palanques para acusar, desinformar e mentir. Proposições falaciosas que Butler (2021) caracterizaria como verdadeiro discurso de ódio, de modo que as falas chegam a todos os cantos da sociedade, reforçando a homofobia estrutural e perpetuando a cultura da violência contra pessoas não cisheteronormativas.

Os ataques às pessoas LGBTI+ são, costumeiramente, praticados por autoridades civis e religiosas, além de refletir também nas instituições de ensino, ferindo os princípios educacionais como a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola e o respeito à liberdade e o apreço à tolerância, como preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB (BRASIL, 1996).

Diversos/as pesquisadores/as têm se debruçado sobre as implicações geradas pela inserção temática da cultura LGBTI+ no universo escolar, salientando uma perspectiva de ódio, de rejeição e de exclusão, relegando-os/as ao silenciamento, pois “ao não se falar deles e delas,

talvez se consiga ‘eliminá-los/as’[...] Aqui o silenciamento – a ausência de fala – aparece como uma espécie da garantia da ‘norma’” (LOURO, 2014, p. 72).

Outras pesquisadoras que identificaram esse silenciamento foram Bassalo e Weller (2020). As autoras detectaram que a heteronormatividade produz historicamente a exclusão social de homossexuais. Para elas, a invisibilização nas diferentes instâncias de relações sociais “ecoam no cotidiano escolar por meio do silenciamento e da negação da existência de homens e de mulheres homossexuais, revelando o peso da heteronormatividade na construção de uma educação que busca defender a igualdade de direitos” (BASSALO; WELLER, 2020, p. 1).

Já a pesquisa de Cieslak e Seffner (2022) detectou o incômodo causado pela presença de alunos e alunas, professores e professoras LGBTI+ na escola, vistos como corpos dissidentes, pois seus entrevistados revelaram que “a necessidade de todos os dias ter que lidar com alguma coisa relativa ao preconceito, situações de estigma e discriminação” (CIESLAK; SEFFNER, 2022, p. 73).

Outro fator que induz à homofobia foi constatado por Maia, Rocha e Vizzoli (2017). Os autores salientaram que o conservadorismo político religioso tem atuado para manter a ideia de identidades fixas e naturais, excluindo as possibilidades da formação da identidade cultural como fluídica, social e histórica. Fator determinante para grupos religiosos e não religiosos conservadores potencializarem suas práticas homofóbicas na sociedade, chegando até ao espaço escolar.

No contexto da Amazônia paraense, Silva e Bassalo (2020) analisaram de narrativas de professoras lésbicas e professores gays acerca de suas experiências em um ambiente escolar heteronormativo e constataram que esses/as professores/as, ao terem sua homossexualidade revelada, sentem o local trabalho como ambiente desafiador por conta da homofobia velada e explícita sofrida diariamente. A permanência desses sujeitos figura uma resistência diária, ao mesmo tempo, em dadas situações LGBTfóbicas também se colocam como pontes da informação para desenvolver uma pedagogia da diversidade.

Outra constatação dessas violências no ambiente escolar é quando a homofobia opera na *práxis* do professor gay. Dal’Igna, Silva e Silva (2019), ao analisarem os processos de constituição da profissionalidade de docentes homossexuais, concluíram que esse público ressignifica positivamente suas práticas e experiências no relacionamento consigo mesmo e

com os outros. Nesse exercício de empatia, compreende-se a mobilização de outras formas de ser e de exercer a docência.

As pesquisas elencadas mostram que a homofobia está enraizada na cultura brasileira e se faz presente nas escolas e, sobretudo, nas ações docentes. Os indivíduos presentes nesse espaço educacional formal aprenderam que a heteronormatividade é a regra e com esse entendimento vão modelando o currículo escolar, a final, como afirmou Sacristán (2017, p. 168), a atividade dos professores é “uma ação de ‘resistência’ burladora de coerções diversas, isto é, uma ação política e não meramente adaptativa”. Nesse sentido, construindo um currículo paralelo pautado na violência sutil e, às vezes, quase imperceptível, como poderá ser visto nas análises seguintes.

Passos da pesquisa

As narrativas das práticas homofóbicas sofridas por professores gays em escolas rurais da Amazônia paraense foram analisadas com base no Método Documentário em que “os passos de levantamento e de apuração só foram desenvolvidos durante o próprio processo de pesquisa” (BOHNSACK, 2020, p. 44). Esse método possibilitou analisar as vivências e as experiências dos sujeitos, revelando padrões de visões de mundo presentes na escola básica nortista sobre a presença de sujeitos homossexuais no exercício da docência, o que possibilitou caracterizar falas, comportamentos e ações como típicas para determinado grupo ou meio social. Ressalta-se a relevância do método recair sobre os sentidos que emanam dos dados, já o conhecimento teórico de quem realiza a interpretação é colocado entre parênteses, pois não é tomado como explicativo para as evidências empíricas no contexto da análise dos dados (BASSALO; WELLER, 2020).

Nesse sentido, primeiramente, foram identificadas as metáforas de foco (ou categorias de análise) articuladas no decorrer do discurso. Em seguida, foram construídos os resumos dentro do sistema de relevância para a pesquisa. Por conseguinte, verificaram-se as diferenças e os aspectos comuns no tratamento do tema, mostrando os sentidos e os significados dados pelos sujeitos à homofobia vivenciada no espaço escolar. E, por fim, ocorreu a construção do texto documentário, comparando falas dos entrevistados, evidenciando seus sentidos e

significados no contexto pesquisado, a demonstrar um currículo oculto desenhado a partir da presença de professores gays no espaço de escolas rurais da Amazônia paraense.

Os dados foram gerados por meio da entrevista semiestruturada de forma individualizada. É importante esclarecer que os nomes dos sujeitos foram substituídos pela letra do alfabeto em maiúsculo, seguindo a ordem da entrevista, acrescidos da letra “m”, destacando a identidade masculina – esta é uma sugestão de organização do método documentário acatada neste texto. Outro esclarecimento se dá pelas pontuações que são estranhas à norma culta da língua portuguesa; elas fazem parte da decodificação do método de análise.

Os sujeitos entrevistados foram três homens cisgêneros, de orientação homossexual com a identidade gay assumida. Todos os professores têm média de 10 anos ininterruptos de atuação no magistério. Am: tem 32 anos, formado em Letras, tem 11 anos de magistério, há 5 anos é professor de Língua Portuguesa nos anos finais do ensino fundamental. Bm: tem 33 anos, formado em Ciências Biológicas, tem 10 anos de magistério, há 8 anos é professor de Ciências nos anos finais do ensino fundamental. Cm: tem 32 anos, é Pedagogo, tem 8 anos de magistério, há 9 anos é professor dos anos iniciais do ensino fundamental regular e na modalidade de educação de jovens e adultos.

As cidades onde os professores atuam estão localizadas no nordeste paraense, em Ipixuna do Pará, Cachoeira do Piriá e Capitão Poço, respectivamente, cidades pequenas com uma média de 50 mil habitantes, tendo como principal economia a agricultura familiar. Assim, ao esclarecer os passos da pesquisa, seguem as análises das entrevistas para verificar como se deu o processo de homofobia sofrida por professores gays que trabalham em escolas rurais na Amazônia paraense.

Pelo destino, mas talvez pela disponibilidade

Para iniciar a pesquisa, buscou-se primeiramente compreender quais foram as motivações dos professores para escolherem a carreira do magistério como profissão. A pertinência desta pergunta figura a tentativa em entender a construção da identidade do professor gay atuante na zona rural. Por meio das respostas, foi possível verificar que tal decisão decorreu de influências de terceiros e da oportunidade na área da docência pela facilidade de acesso ao mundo do trabalho.

Am: As motivações, elas foram várias. Primeiro era a referência que eu tinha uma, que eu tenho, na verdade, uma mãe e uma irmã que são professoras, formadas na área. E umas pessoas mais próximas a mim, tios, tias; segundo, o acesso ao curso, porque era o que estava ao meu alcance de forma mais assim facilitada; e o terceiro, o mercado de trabalho mesmo né, porque essa área da docência é uma área que está em constante crescimento, então, todo momento se abre novas escolas né, e o mercado vai aumentando, o número de vagas vai aumentando.

Bm: Bom, é... eu sempre achei muito bonito a carreira de professor, acho que por servir como referência pra mim. Eu sempre tive um respeito muito grande pelos meus professores do ensino fundamental. E essa relação e essa vontade ela se intensificou mais ainda quando eu estava no ensino médio, cursando o ensino médio. Eu finalizei em 2006, né, então passei 3 anos no ensino médio, 2004, 5 e 6, né, eu passei esse período no ensino médio, então eu me inspirava muito nos meus professores. Então eu diria que a motivação foi ver a forma que meus professores conduziam as aulas né, em especial a minha professora de biologia, é... da época, de uma escola estadual em Capitão Poço. Eu reafirmo que o que me motivou mais foi ver essa rotina de professores. E mesmo já sabendo que seria uma carreira muito difícil, eu me via lá na frente também, “Poxa, eu queria ser professor”, como via o professor lá na frente da turma né. Aquilo me motivou também. Foi um dos pivotes assim da minha, da minha tomada de... da carreira docente né.

Cm: minhas motivações, é... que na época... Eu sempre fui do interior e a única profissão que eu via, a não ser trabalhar na roça, era ser professor. Então eu achava isso lindo e era o que mais me motivava, então eu estudei com essa intuição de ser professor com o objetivo de sair do trabalho grosseiro da roça.

Am relata que foram três os motivos que o fizeram optar pelo exercício da docência: a família, o acesso e a oportunidade. Pela família, ele exemplifica a influência da “mãe e irmãs” e “tios, tias” como pessoas próximas em quem se espelhou para optar pelo magistério. Pelo acesso, em conversa pós-entrevista, foi possível depreender que em sua cidade natal havia um pólo universitário, subsede da Universidade do Estado do Pará e que, naquele momento só ofertava cursos de licenciatura. Quanto à “oportunidade”, ela está mais ligada ao mercado de trabalho, ao afirmar que o “mercado vai aumentando o número de vagas vai aumentando”.

No caso de *Bm*, ele se sentiu atraído pela carreira docente, desde que estudava o ensino fundamental, porém, foi somente no ensino médio que teve a convicção de qual carreira seguiria, o que podemos observar quando ele relata que “essa vontade ela se intensificou mais ainda quando eu estava no ensino médio” e sua motivação foi “ver a forma que meus professores conduziam as aulas”. Nesse sentido, é possível dizer que *Bm* se inspirou em seus professores e professoras, como modelos de profissão os quais ele quis seguir e pautar a construção de sua identidade docente.

Já para *Cm*, que sempre residiu no interior, havia apenas duas opções: trabalhar na roça ou estudar. Por esse motivo, ele descreve que “eu estudei com essa intuição de ser professor

com o objetivo de sair do trabalho grosseiro da roça”. Dessa maneira, seus primeiros contatos com a escola lhe deram um destino diferente, uma vez que “eu achava isso lindo e era o que mais me motivava”.

Am, *Bm* e *Cm* tiveram motivações diferentes para serem docentes. A orientação das decisões se deu na “convivência”, na vida comum, na rotina com seus pares. Nesse contexto, *Am* foi “influenciado” por seus parentes em quem se espelhou. Por outro lado, com *Bm*, a “maturidade” orientou sua decisão. O fascínio pela carreira, desde criança, se configurou na escolha de sua profissão. Entretanto, com *Cm* a “oportunidade” está relacionada à oferta de curso de licenciatura mais próximo de sua residência, bem como à possibilidade de sair de uma vida de trabalhos pesados.

Nesse âmbito, a decisão de ser professor para os sujeitos teve influência na convivência dada na família ou na sociedade de modo geral. E a decisão de trabalhar em escolas da zona rural, como se deu? Pondera-se esse quesito por conta da sexualidade do professor, pois, como relatou *Cm*, em dado momento da entrevista, que a zona rural é mais perigosa para gays. Nesse sentido, pergunta-se: Alunos e alunas da zona rural teriam dificuldade de estudar com um professor gay? E a comunidade escolar, como receberia esse professor? Não se pretende responder essas perguntas, mas refletir a partir das respostas dos professores no decorrer do texto. Seguem os relatos revelando as decisões para se trabalhar na zona rural.

Am: É... oportunidade. Porque assim que eu me formei eu tive a oportunidade de trabalhar na zona rural de Ipixuna do Pará.

Bm: É... eu admiro muito o trabalho no campo, em especial as atividades agrícolas. O meu pai é agricultor, boa parte da minha família são agricultores. E querendo ou não eu também sou resultado, reflexo da, de trabalhadores do campo também. Eu fiz uma especialização pela UFPA, que concluí em 2012, 2012 pra 2013, e ela era em educação do campo. Então eu puder mergulhar um pouco mais dentro desse universo, né. E atuar mesmo assim, é... não foi uma escolha ir para o campo, eu diria assim, mas eu fiz um concurso público que era por polo e esse polo era bem no campo mesmo que é zona rural de Cachoeira do Piriá. E aqui eu me encontrei, assim, eu me encontrei. Apesar de ser um lugar longe do centro urbano, mas eu me encontrei. Eu consigo trabalhar tranquilo em relação a isso. E quando eu vejo os meus alunos que são trabalhadores do campo, às vezes, os pais são trabalhadores do campo, eu... acabo me vendo... parece que eu olho pra trás e vejo “Olha eu também era do campo e tal”. E hoje tô aqui de novo, né. Voltei para o campo com uma perspectiva de profissional, uma perspectiva profissional, né, uma pessoa que saiu do campo, estudou, formou, trabalhou na cidade, mas depois voltou para o campo. Talvez por é... não sei, pelo destino, mas talvez pela disponibilidade de concursos públicos que são poucas, né. Então eu escolhi voltar para o campo, e o impressionante é que eu falava assim, eu não sei aonde é esse lugar, mas eu não vou abrir mão, eu vou conseguir passar e vou trabalhar lá. Porque algumas pessoas diziam assim pra mim, é muito longe tu não sabe nem onde é, eu disse, não mas eu vou. Na minha cabeça o

campo não é uma coisa alheia, não é uma coisa fora da realidade de qualquer pessoa. Então eu acredito que essa força interior de ser do campo, conhecer um pouco do campo me motivou e me mantém até hoje trabalhando no campo.

Cm: porque eu sou da zona rural e me deram oportunidade de trabalhar na escola da comunidade que eu moro.

Am é residente do meio urbano, não tinha relação direta com o meio rural. No trecho acima, extraído de sua narrativa, *Am* não decidiu pela zona rural, o que aconteceu, no seu caso, foi a chance de trabalho, como expresso na fala “eu me formei e tive oportunidade”. Assim, depreende-se que foi o local oportunizado de início para lecionar, não teve outra opção a não ser aceitar.

Quanto à fala de *Bm*, destacam-se alguns aspectos importantes a serem mencionados adiante. Sendo o primeiro, o fato de ele esclarecer a sua relação com o campo, expressa nas passagens “o meu pai é agricultor”, “eu também sou resultado, reflexo da, de trabalhadores do campo”. Em conversa posterior ao relato expresso no texto, *Bm* esclarece que nasceu e foi criado na zona rural. O segundo ponto é a sua preparação profissional para voltar ao campo, conforme se vê em “Eu fiz uma especialização pela UFPA (Universidade Federal do Pará), que concluí em 2012, 2012 pra 2013, e ela era em educação do campo”. Na passagem, demonstra-se que ele não somente conhece o meio, mas também se sente bem preparado para lecionar nesse contexto, como bem reforça essa ideia nos trechos: “o campo não é uma coisa alheia, não é uma coisa fora da realidade de qualquer pessoa” e “então eu acredito que essa força interior de ser do campo, conhecer um pouco do campo me motivou e me mantém até hoje trabalhando no campo”.

Cm assemelha-se a *Bm*, quando diz que “sou da zona rural e me deram oportunidade de trabalhar na escola da comunidade que eu moro”. Este não explicita se teve ou não desejo de trabalhar em outra escola fora de sua comunidade. O professor apenas reforça a ideia de trabalhar no local em que lhe fora ofertada a oportunidade.

Os relatos mostram que os entrevistados não tiveram escolha para optar pelo local de trabalho. Oportunizados por terceiros, *Am* e *Cm* foram enviados ao campo para lecionar. No entanto, há que se destacar diferenças entre as oportunidades: *Cm* é da zona rural e foi enviado para trabalhar na escola de sua comunidade; *Am* não. Ele é da zona urbana e foi enviado para a escola rural. Essa característica terá diferencial na recepção e convivência com os professores gays na comunidade escolar? *Bm* teve a oportunidade, por meio de concurso público, de

trabalhar na zona rural, mas não na comunidade em que cresceu e onde está sua família. Isso também influirá em sua convivência com a comunidade escolar? Não se tem intenção de responder essas perguntas, mas algumas respostas aparecem nas narrativas apresentadas na próxima seção.

“Isso é uma bichona”

Os professores gays narraram suas percepções acerca de suas convivências com as comunidades escolares na zona rural de suas cidades. Os primeiros relatos trataram das percepções dos professores na comunidade escolar e a influência ou não dessas demandas em suas práticas pedagógicas.

Neste ponto, inicia-se com os relatos de *Am* que trabalhou na zona interiorana de duas cidades, durante esse período ele afirmou não ter sofrido homofobia na comunidade escolar. Será mesmo se não sofreu homofobia ou ele não percebeu? A resposta pode ser entendida por intermédio dos registros de fala dados por ele no decorrer do texto. Diferente de *Am*, *Bm* e *Cm* passaram por situações vexatórias, conforme percebidas nas narrativas abaixo

Am: Dentro da realidade que eu atuei, e ainda atuo, não tem muita, digamos assim, diferença em relação a ser um professor gay, um professor hétero ou um professor cis, todos os professores, dentro da realidade, da minha realidade, são tratados de forma igualitária. Não há distinção, é... de gênero, de classe, todos são tratados de forma iguais e igualmente respeitados.

Bm: É, parece que ser gay existe uma rotulação universal, eu diria assim. É... pra gente, você vai sempre ouvir “isso aí é outra”, “isso é uma bichona”, “ah, isso aí é um gay” não sei o quê. Eu tô citando essas palavras porque pessoas já me falaram que disseram isso quando eu cheguei aqui na comunidade. E eu cheguei aqui em 2016, 16, 17, 3 anos agora em abril. Então, parece que há umas rotulações universais pra que alguém defina que a pessoa é gay no campo, na cidade, é... em uma grande cidade, enfim. Parece que existe isso. Eu até lamento essa situação. Mas pra mim, o significado mesmo, eu encaro muito como profissional. Eu sempre coloco acima, eu sou um profissional, tô aqui pra trabalhar, vou fazer o meu trabalho no que me compete, vou dar o meu melhor. Mas para as pessoas, elas dizem assim, é “O professor é gay”. “Ele é gay. É professor aqui na escola”, né, “Ah ele é gay. É um gay, mora ali”. Sempre vão falar isso né. Mas na mente das pessoas o significado é apenas apontar e dizer que fulano de tal é gay. Mas pra mim, em primeiro lugar sou eu (citou seu nome completo), eu sou gay e em segundo lugar seria a minha postura profissional, eu estou aqui pra prestar um trabalho a nível da, do, da minha profissão. E eu vou fazer isso com qualidade dentro do que eu posso. Então pra mim seria, eu sou (citou seu primeiro nome), eu trabalho, eu sou professor, eu vou dar o meu melhor aqui, é tipo dizer assim, eu estou aqui como resistência e eu reafirmo a minha existência independentemente de qualquer coisa. É eu lembro-me que uma vez é... a escola promovia um evento e eu passei próximo a um comércio e um cidadão falou

pra mim assim “ah, essa caminhada que vai ter isso é bem coisa de gay”, aí eu segui... segui, né, pra escola direto porque logo em seguida a gente seria liberado pra esse evento, e aí teve a voz, né, todo mundo poderia falar e tal, aí eu até revidei de uma forma, depois eu me arrependi, que ao meu ver eu nem deveria dar nenhum tipo de satisfação; quando eu peguei o microfone, em termos gerais eu falei assim é... que a escola tava promovendo evento e que esse evento não era pra homem, mulher ou gay, era pra população independente de qualquer situação de gênero, era pra população. Eu retruquei dessa forma, mas a minha estadia no campo como professor gay é reafirmar que eu estou aqui. Me vejam, eu estou aqui, eu estou fazendo um trabalho.

Cm: Mesmo... apesar de ser no campo, as pessoas são ainda mais... um pouco mais tímidas, mas mesmo assim a gente enfrenta diversas barreiras, preconceitos por parte dos próprios outros professores, dos alunos. A gente sofre muito bullying, piadinhas, essas coisas. Então, é muito difícil assumir uma carreira de professor, é... na condição de homossexual.

Nas frases “Não há distinção”, “todos são tratados da mesma forma”, *Am* enfatiza que não sofreu homofobia em qualquer escola em que trabalhou. É enfático, inclusive, ao dizer que “todos são tratados de forma iguais e igualmente respeitados”.

Bm inicia seu relato com suas impressões sobre a condição da identidade gay, destacadas no trecho: “parece que ser gay existe uma rotulação universal”. Em suas percepções, essa rotulação está acompanhada pela homofobia, isso fica mais claro quando o professor vai exemplificando seu pensamento nas passagens “isso aí é outra”, “isso é uma bichona”, “Ele é gay. É professor aqui na escola”. Este último destaque da fala de *Bm* identifica o professor gay que trabalha na escola da zona rural e tem sua condição sexual conhecida pela comunidade. E é por conta dessa condição da sexualidade que “a gente enfrenta diversas barreiras, preconceitos por parte dos próprios outros professores, dos alunos”, enfatiza *Cm*, ao destacar os personagens que dificultam a vida do professor gay no campo: ora os próprios colegas de trabalho, ora os alunos.

O fato de identificarem o gay antes do professor demonstra incômodo, mesmo que inconsciente, ao misturar a pessoa com a sexualidade do professor, imprime um teor preconceituoso, como um marcador social que o diferencia dos demais professores não gays. O contraponto de *Bm* e *Cm* em relação a *Am* leva-nos a pensar: será que o professor *Am* não sofreu homofobia ou não percebeu essa violência em seu contexto? Esta pergunta é pertinente, pois na próxima seção observa-se o estado de vigilância de si mesmo para não sofrer agressão.

Revelando mais preconceitos, enquanto fator da cultura escolar, *Am*, *Bm* e *Cm* narraram episódios sobre a reação de colegas, alunas e alunos diante da revelação de sua homossexualidade. Seguem as falas.

Am: Então, eu realmente nunca sofri nenhum preconceito dentro do meu ambiente de trabalho. Eu já trabalhei não só em Ipixuna do Pará, no interior, mas também já trabalhei numa comunidade a qual, quase todos os moradores eram evangélicos, que era em uma comunidade que fica na cidade de Irituia. E eu nunca percebi nenhum tipo de olhar ou palavras agressivas em relação a mim. Mas acho que isso parte muito da minha conduta, né, porque eu tenho uma conduta, uma postura totalmente diferenciada no meu ambiente de trabalho.

Bm: A comunidade? Sim, sabe. Algumas pessoas. Mas também eu nunca precisei dizer “eu sou gay” e tal. Eles deduzem isso, talvez por terem mais proximidade comigo, talvez outras não saibam, enfim. É... a reação por parte de algumas pessoas assim, eu já ouvi muito pessoas falarem assim pra mim “Olha eu imaginava que você era gay, mas sempre te admirei porque você passa aqui na rua e fala com todo mundo e você não fica fazendo besteira igual fulano de tal, igual outro gay”, enfim, já aconteceu deles fazerem esse tipo de comparação com as pessoas da comunidade. É... preconceito explícito assim, diretamente eu ainda não sofri, nem aqui onde eu estou hoje nem em outros lugares, mas há muitos discursos, né, que às vezes funcionam como “Esse é pra ti. Esse é pra ti”. Só que eu encaro isso muito tranquilo. Em relação a alunos eu já tive sim. Teve alunos que na sala disseram “esse professor é viado”, “esse professor é gay”, assim, baixinho eu já ouvi no geral, tanto aqui onde estou atuando hoje quanto em outros lugares que eu já atuei. Alguns alunos já perguntaram pra mim mesmo “Professor, o senhor é gay? Sim sou. Ah, tá! tá bom”. Eu acho até louvável perguntar na cara do que ficar fazendo gracinhas, né. E aí alguns alunos, em algumas dessas situações, aliás, na hora eu retruquei, eu disse, chamei atenção, né, do aluno, eu disse “Olha, eu acho que a minha vida pessoal ou a minha postura de ser gay, de ser hétero, enfim, acho que não diz respeito a vocês e muito menos pra vocês estarem falando na sala de aula, até porque cada um tem, sabe, o que é e não deve estar sendo exposto ou apontado por isso”, mais ou menos nesse sentido.

Cm: Bom, com aluno eu percebo assim quando a gente entra na sala eles já nos olham assim meio torto, dos pés a cabeça, e aí, vira e mexe, você tá de costa e você ouve falar é... no fundo aquelas frasezinhas “o professor é gay”, “o professor é gay”. E até mesmo é... teve casos de aluno perguntar “professor o senhor é mulher?”, “o senhor é mulherzinha?”, nesse tipo. E de professores também que eles não chegam a falar, mas a gente ver que eles olham a gente e que às vezes até cumprimentam com tons irônicos, tons assim “oi tudo bem?” (falou imitando o som pelo nariz). A gente percebe que é um tom irônico também. Outro exemplo assim que eu tive bem claro recentemente foi que um aluno assim “ah, professor fulano tá falando que o senhor é gay”, aí eu tive que explicar pra eles; eu falei assim “por acaso ser gay é uma coisa ruim? Vocês têm que se preocupar com pessoas ruins porque eu posso falar que eu não ofereço nenhum perigo pra vocês, eu sou uma pessoa como vocês, eu não escolhi isso”. Então assim, sempre quando acontece essas questões tem uma situação assim que a gente tem que tá explicando sobre o fato. Então essas coisas assim eu já passei.

Quanto ao relato anterior, *Am* disse não sofrer homofobia ou qualquer tipo de preconceito, tal afirmação é passível de questionamento, porque o fato exposto vai de encontro ao que os colegas entrevistados disseram, bem como os resultados das pesquisas dos estudiosos do campo de gênero e sexualidades.

No trecho “Mas acho que isso parte muito da minha conduta, né, porque eu tenho uma conduta, uma postura totalmente diferenciada no meu ambiente de trabalho”, a conduta e

postura anunciadas pelo professor demonstram que ele precisa “montar um personagem” para atuar no ambiente de trabalho, personagem este que está alinhado ao padrão heteronormativo. Dessa forma, ele vive em constante estado de vigilância de si, silenciando sua personalidade para não desagradar a sociedade machista e homofóbica na qual convive.

Essa cobrança pela “postura” também é verificada na fala de *Bm*, no trecho “Olha eu imaginava que você era gay, mas sempre te admirei porque você passa aqui na rua e fala com todo mundo e você não fica fazendo besteira igual fulano de tal, igual outro gay”. Por meio desse discurso, é perceptível a exigência da comunidade escolar para o professor se manter dentro dos padrões heteronormativos pré-estabelecidos. A comunidade o admira por ser cortês, mas o respeito por ser professor gay só foi adquirido por não falar igual a outros gays, não andar igual a outros gays, não ter identidade gay, e sim pela padronização de sua identidade. O professor não aprofundou o que seria falar igual a outros gays, a julgar a percepção da comunidade, mas imagina-se que faça referência aos trejeitos tipificados como afeminados, ou mesmo o uso do “pajubá”, o código falado pela comunidade LGBT (BAROSO, 2017).

Outro ponto pertinente citado por *Bm* é o empoderamento da fala direcionada aos seus alunos, quando perguntam se ele é gay, expressa na passagem: “Professor o senhor é gay? Sim, sou. Ah, tá! tá bom”. Por meio da afirmação da identidade gay, para além de um posicionamento político em sala de aula, muitas vezes, o professor passa a ser referência social para alunas e alunos demonstrando que existem outras possibilidades de existir além do padrão heteronormativo.

Outro aspecto positivo dessa afirmação é cessar as tentativas de intimidação, como descreveu no trecho: “Eu acho até louvável perguntar na cara do que ficar fazendo gracinhas, né”, pois desta forma ele evita as “gracinhas” que são praticadas em razão da homofobia recreativa ditas propositalmente para chamar atenção e, muitas vezes, desestruturar o professor emocionalmente em sala de aula.

Cm relata que “você tá de costa e você ouve falar (...) é... no fundo aquelas frasezinhas “o professor é gay” (...)”. Ao analisar as pausas na fala de *Cm*, destaca-se, primeiramente, o embargo em sua voz, marcada por suas experiências de homofobia, demonstrando suas dores emocionais por conta das “gracinhas” feitas por estudantes.

Outro destaque de sua fala, está explícita na passagem: “professor fulano tá falando que o senhor é gay”, aí eu tive que explicar pra eles; eu falei assim, “por acaso ser gay é uma coisa

ruim? Vocês têm que se preocupar com pessoas ruins”. A partir dessa fala, o professor buscou desconstruir a imagem negativa que se tem de gays. Essa explicação ilustra o que Borrillo (2016) identificou como tentativa de desumanizar, de inferiorizar a pessoa apenas por não se enquadrar na norma padrão da sexualidade. Destaca-se ainda que *Cm* é o único professor gay que trabalha na comunidade em que nasceu e foi criado e, talvez, por essa situação tornou-se mais doloroso para ele ter que ouvir ofensas e chacotas de pessoas que lhe são próximas.

Nos relatos de *Am*, *Bm* e *Cm*, nota-se que eles sofrem homofobia nas escolas da zona rural onde atuam, sendo ela velada, sendo explícita ou sendo ainda internalizada, como no caso de *Am* que forja sua identidade gay quando está trabalhando ao adotar “uma postura totalmente diferenciada” no ambiente de trabalho.

Diante da constatação do quadro de homofobia vivida pelos professores gays entrevistados e, ainda, diante do contexto do pânico moral que a sociedade brasileira tem vivido por conta das políticas antigênero, foi perguntado se eles já precisaram mudar planos de aula ou práticas pedagógicas para não serem acusados de fazer apologia à homossexualidade. Quanto a esse questionamento, seguem as narrativas obtidas.

Am: [...] deixando de lado um pouco essa questão de gírias homossexuais, usada tanto pelo público LGBT, as quais eu uso no meu dia a dia com amigos, em ambientes sociais, porém, dentro do meu ambiente de trabalho, evito 100% [...] sem trejeitos tanto corporal quanto facial. Então eu acho que é isso. É manter uma postura correta, que eu acho que deveria ser o padrão pra todo mundo, né, dentro do ambiente escolar, que deveria ser um ambiente neutro, mas...

Bm: Nunca deixei de fazer algo no sentido profissional, né, por conta disso ou até em outro sentido. Não. Nunca me deparei com situação parecida. É... quando eu trabalho sou professor de CFB aqui, né, que no caso a minha formação é biologia, e quando eu trabalho algum dos assuntos relacionados a essas situações que... pra ser bem específico, que seria o sistema reprodutor masculino e feminino é... há uma grande curiosidade por parte dos alunos. E aí, quando eu vou explicar alguma coisa sobre a questão masculina ou feminina, eu fico pensando “Será se eles vão perguntar sobre onde é que entra o gay aqui? Onde é que entra o homossexualismo, né”. E os livros geralmente trazem um texto relacionado a isso e eu não me esquivo em falar, não, de jeito nenhum. Quando eu trabalho, por exemplo, esses sistemas, né, os alunos são bastante curiosos e eu explico bem claramente a questão do sistema, né, do feminino, assim também como o masculino. Eu tô citando esses assuntos porque eles são bem íntimos assim e de repente poderia causar algum tipo de constrangimento ou eu recuar pra não falar disso ou daquilo, mas é por conta de questão profissional mesmo, a postura profissional eu sempre trato isso de forma bem clara e não me deparei com nenhuma situação que fizesse com que eu... “Ah, eu não vou falar isso ou aquilo”, né, e eu sempre deixo bem claro pros alunos em relação as escolhas, né, as escolhas das pessoas.

Cm: O fato de me sentir assim, de ser gay, nunca interferiu em nada, no meu trabalho. Eu sempre agi como professor normal apesar de saber que eu ia sofrer críticas,

algumas coisas do tipo, mas eu nunca deixei de fazer nada, tudo o que tive que fazer eu fui lá e fiz, nunca me omiti a não fazer nada por esse motivo não.

Am admite que muda aspectos em sua fala, quando está na escola, “deixando de lado um pouco essa questão de gírias homossexuais”, bem como sua forma de expressão motora, como “trejeitos tanto corporal quanto facial”. Ele enfatiza que “deveria ser o padrão pra todo mundo”. Essa postura se dá pela visão que ele tem da escola como ambiente neutro, pois entende-se que a personalidade do professor deveria ser neutra também. Sua narrativa demonstra que ele está preso ao padrão heteronormativo e, mais ainda, que vive em constante vigilância de si para não deixar transparecer aspectos de sua personalidade gay.

Bm faz referência às práticas pedagógicas da sala de aula. Ao usar assuntos da biologia para discutir sobre sexualidade conforme o trecho: “os livros geralmente trazem um texto relacionado a isso e eu não me esquivo em falar”. *Bm* ainda salienta as reflexões anteriores a essa aula, verificada em “eu fico pensando será se eles vão perguntar sobre onde é que entra o gay aqui?”, tal postura demonstra o preparo para debater o assunto. Não distante dessa postura, *Cm* também relata que o fato de ser gay “nunca interferiu em nada, no meu trabalho” e ainda acrescenta: “nunca me omiti a não fazer nada por esse motivo não”.

Dessa maneira, é possível verificar dois aspectos da prática pedagógica que se desenha em um currículo oculto adotado pelos professores em sala de aula: uma postura aprisionada e uma postura política. *Am* representa o “posicionamento postura aprisionada”, pois além de não debater o assunto em sala de aula, assume uma outra personalidade quando está no ambiente de trabalho, revelando um aprisionamento aos padrões da cisheteronormatividade hegemônica da sociedade atual que põe em execução uma ofensiva reacionária antigênero (JUNQUEIRA, 2022), ao proibir professores/as de debater gênero e sexualidade em sala de aula e, ao mesmo tempo, cobrar uma postura neutra do/a professor/a na escola tanto no discurso quanto no campo comportamental. *Bm* externa o “posicionamento postura política”, uma vez que utiliza da matéria que leciona para ensinar também aspectos da sexualidade humana, não se esquivando do debate transversal e colocando em pauta o assunto da homossexualidade, quando indagado por seus alunos ou mesmo seguindo o programa do livro didático. Embora ele não exemplifique como se dá sua prática, *Cm* não se sente intimidado e desenvolve suas aulas sem deixar que sua orientação sexual interfira nas abordagens pedagógicas, bem como na sua postura em sala de

aula. Ele também se enquadra no posicionamento político, pois ao ser questionado sobre sua sexualidade, afirma ser gay e ainda faz seus alunos refletirem sobre a diversidade social.

Dado o contexto de trabalhar em escolas da zona rural e da verificação dessas práticas homofóbicas que se desenham no dia a dia dos professores, por meio de piadas, chacotas, tentativas de intimidação, personalidade aprisionada questionou-se ainda sobre as visões desses professores sobre a escola para seus alunos e alunas LGBTI+. É o que se pode perceber na última seção.

Os LGBTI+ do campo “são os alunos mais esforçados”

Diante das violências homofóbicas experienciadas pelos professores gays, fez-se necessário investigar ainda como eles avaliam o papel social da escola para os alunos e alunas que já estão em processo de conhecimento de si, enquanto pessoa LGBTI+. Na sequência, há algumas elucidações oriundas dos depoimentos dos sujeitos desta pesquisa.

Am: É muito comum a gente se deparar com um ou outro aluno ou aluna que tem esses, é... trejeitos, que tem realmente essa homossexualidade já, né, em si. Então, eu vejo que geralmente o homossexual, né, o homem ou a mulher homossexual, eles são os que mais abraçam a educação no campo. São os alunos mais esforçados, são os alunos mais comprometidos. Eu acho que até mesmo, eles próprios já percebem que aquilo ali é uma forma, é... uma fuga, uma maneira de sair daquele ambiente tão restrito, tão oprimido, pra um ambiente mais aberto. Então eu vejo que a educação é fundamental pra os alunos homossexuais dentro do campo.

Bm: O espaço escolar é recheado, né, dessas... de pessoas, de adolescentes que tão se descobrindo, né, e assim, a escola, pelo período que eu tô aqui, a escola... eu nunca vi nada assim específico. Nunca vi nada específico em uma ação da escola pra que pudesse passar informações a nível disso pra esses alunos ou pras famílias. Eu nunca vi nada específico em relação a isso, mas é... o que eu posso falar internamente alguma coisa e também até aonde eu posso porque a gente sabe que as famílias ainda carregam uma carga tradicional muito grande, então eu tenho um cuidado muito grande em relação a isso. Então, eu acho que falta ainda muita coisa, muita coisa, muitas ações e muitas conversas da escola com a família, né, trazer mais as pessoas pra esse universo, explicar que isso existe. Eu acho que falta, falta muita ação a nível disso.

Cm: Eu vejo que a escola tem a necessidade de inserir a questão da orientação sexual na escola. Inclusive o meu trabalho de conclusão de curso foi sobre a importância da orientação sexual na escola, pra tá alertando essa questão com o jovem, da sexualidade. Até mesmo porque a escola tem um grande papel de tá orientando os alunos sobre os riscos porque apesar de, eu acho que os homossexuais no campo, eles correm muito risco por falta de orientações. Então, eu acho que a escola poderia tá fazendo um trabalho sobre o modo de vida deles, de comportamento, de... a pesar de serem homossexuais, de saber lidar com sua sexualidade e viver uma sexualidade sem correr muitos riscos porque, às vezes, eu vejo que no campo as

peças não têm tantas informações, então eu acho que a escola deveria tá fazendo um trabalho junto aos alunos, né, orientando e falando da importância da orientação sexual.

Nesse trecho da entrevista, foi solicitado aos professores que refletissem sobre a relação dos estudantes LGBTI+ com a escola, além de pensar a educação como um fator decisivo para desenraizar preconceitos por meio de um currículo mais solidário e humano, possibilitando um novo olhar sobre as sexualidades e as identidades de gênero.

A palavra que *Am* utiliza para afirmar a presença de alunos e alunas homossexuais nas escolas é “comum”. Aos olhos do professor, é habitual perceber nos corredores da escola estudantes que se afastam do padrão heteronormativo e se aproximam de uma identidade LGBTI+ mais aparente. Ele também avalia que esses alunos “são os alunos mais esforçados, são os alunos mais comprometidos”, e pondera que isso se dá porque “é uma fuga, uma maneira de sair daquele ambiente tão restrito, tão oprimido, pra um ambiente mais aberto”.

A dedicação do aluno é então uma forma de se defender da homofobia? Por meio dessa fala, é possível compreender que as perseguições e as humilhações sofridas por um aluno gay e/ou da aluna lésbica funcionam como uma espécie de incentivo para sair zona rural e ir morar na zona urbana e, conseqüentemente, destacarem-se intelectualmente diante dos colegas. Assim, deslocam-se do patamar de inferioridade no qual foram colocados apenas por divergirem da heteronormatividade. Assim, *Am* conclui dizendo que “a educação é fundamental para alunos homossexuais do campo”.

Dessa maneira, *Bm* endossa a observação de *Am* quando afirma que “O espaço escolar é recheado de adolescentes na idade do ‘despertar’ afetivo-sexual”. Por esse motivo, ele acredita que a escola é o espaço certo para debater as questões de gênero e de sexualidade, envolvendo a todos os que fazem a comunidade escolar, inclusive, as famílias ligadas ao modelo tradicional. A escola torna-se, pois, o espaço do debate, da informação e da desconstrução do preconceito.

A fala de *Cm* apresenta outro aspecto da vida da pessoa LGBTI+ na zona rural e a importância da escola para essa pessoa. No trecho, “eu acho que os homossexuais no campo, eles correm muito risco” fica explícito o quão arriscado é para uma pessoa ser LGBTI+ na zona rural. Ele, que é gay e trabalha na comunidade onde foi criado, pondera esse perigo. Diante dessa realidade, *Cm* verifica que ainda há desinformação para a comunidade e também para os estudantes acerca das sexualidades e, logo ele esclarece dizendo que “eu acho que a escola deveria tá fazendo um trabalho junto aos alunos né (.) orientando e falando da importância da

orientação sexual”. A fala de *Cm* sugere o debate sobre o conteúdo das sexualidades e identidades em sala de aula com os alunos e alunas, por considerar esse diálogo uma ferramenta para desconstrução da homofobia enraizada.

Am, *Bm* e *Cm* não tem dúvidas quanto ao papel da escola na desmistificação das sexualidades, bem como no combate à homofobia. Os professores gays trabalhadores de escolas da zona rural não só vivenciaram a homofobia, mas verificaram-na direta ou indiretamente. Ainda que alunos e alunas se afastem do padrão heteronormativo, eles sofrem com essa violência e, nesse contexto, os professores sugerem uma perspectiva pós-crítica para a escola, a fim de construir um currículo que proporcione um aprendizado calcado no respeito às diferenças, o que Louro (2008) e Miskolci (2021) identificariam como um currículo *queer*, como um meio eficaz para a mudança de paradigma social e cultural dessa violência por intermédio de uma educação humanizada e solidária.

Palavras finais

A presente pesquisa tem como objetivo compreender as implicações dos processos homofóbicos que se configuram na vida de professores gays no exercício da docência em escolas rurais amazônicas. Nesse sentido, foi possível verificar que a homofobia se personifica em um currículo oculto que se desenha por meio de atitudes vexatórias, piadas, xingamentos e olhares tortos percebidos nas relações com a comunidade escolar. Essas formas de agressão ficaram imbricadas na memória dos sujeitos e reverberam em suas ações na escola e na vida social.

Diante desse quadro, as orientações das práticas pedagógicas dos sujeitos se configuraram em aprisionamento e enfrentamento. O aprisionamento se deu no momento em que seguiram os roteiros previamente programados da educação formal, não tocando no assunto da sexualidade, mesmo que houvesse necessidade, mudando até mesmo sua postura e abrindo mão da cultura gay habitual ao seu dia a dia. De enfrentamento, quando se posicionaram diante dessa realidade cerceadora, enquanto sujeitos e professores gays, falando sobre sexualidade, e, conseqüentemente, implementando a desconstrução de preconceitos, auxiliando no processo de educação para a diversidade.

Logo, os sujeitos pesquisados enfrentaram, a seu modo, a experiência homofóbica, resguardando a efetividade de suas ações e, ao resignificarem suas práticas pedagógicas, eles reafirmaram-se como gays colocando o assunto em pauta como conteúdo de um currículo real, vivo, em vias atitudinais de desconstrução. Além disso, ao se posicionarem como sujeitos gays, os professores tornaram-se modelos de identidades não normativas na comunidade em que trabalharam. Diante desse contexto, a escola pode ser o espaço propício para promover debate sobre gênero e sexualidades para todos e todas, mostrando e vivenciando os princípios de uma educação humanizada e solidária.

Assim, fica claro que ainda há muito a compreender sobre a vivência de professores LGBTI+, em ambientes de escolarização rural na Amazônia. Por fim, verificou-se que há a necessidade de um currículo mais inclusivo, para que haja a possibilidade de mudanças das práticas homofóbicas existentes na cultura escolar, seja em escolas urbanas, sejam rurais.

Referências

ABGLT. *Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional brasileiro: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais*. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2016.

BARROSO, Renato Régis. *Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT*. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes), Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2017.

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga; WELLER, Wivian. Igualdade de direitos ou heteronormatividade? Professores e professoras diante da homossexualidade. *Práxis Educativa* (impresso), v. 15, p. 1-18, 2020.

BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. *Lei N. 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira*. Brasília, 1996.

BRASIL. *Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989 – Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor*. Brasília, 1989.

BOHNSACK, Ralf. *Pesquisa social reconstrutiva: introdução aos métodos qualitativos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. 1. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CIESLAK, R.; SEFFNER, F. “Tu não tá vendo que a sora é sapatona?”: Carreira docente, cultura escolar e aprendizagens em torno de gênero e sexualidade. *Diversidade e Educação*, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 66-91, 2022.

DAL’IGNA, Maria Cláudia. SILVA, Jonathan Vicente da. SILVA, Miriã Zimmermann da. Há diferença? processos de constituição da identidade profissional de docentes homossexuais. *Revista Práxis*, Novo Hamburgo, v. 16, n. 2, mai./ago., 2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *A invenção da “ideologia de gênero”*: um projeto reacionário de poder. Brasília: Letras Livres, 2022.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MAIA, M. F. G.; ROCHA, José Damião T.; VIZOLLI, I. Identidade cultural, diversidade e diferença: um olhar para gênero e sexualidade na educação. *Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade*, v. 10, p. 153-167, 2017.

MISKOLCI, Richard.; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade e Estado*, v. 32, n. 03, p. 725-748, 2017.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SACRISTÁN, José Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

SILVA, Jardínelio Reis da; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Narrativas de professoras lésbicas e professores gays no ambiente escolar heteronormativo no nordeste do Pará. *Humanidades & Inovação*, v. 7, n. 12, p. 275-290, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*, v. 32, n. 2, p. 241-260, 2006.

Recebido em: 19 ago. 2022

Aceito em: 18 maio 2023